

A DESMISTIFICAÇÃO DA GÍRIA: UM FENÔMENO PRESENTE NO DISCURSO DE ALGUMAS PERSONALIDADES BRASILEIRAS

*Alfredina Rosa Oliveira do Vale**

1. COMENTÁRIOS INICIAIS

Definir a gíria como linguagem de malandros e marginais, que funciona como mecanismo de coesão tribal e cujo acervo lexical é repleto de termos chulos e secretos, é consenso em nossa sociedade. Estamos considerando consenso (ou senso comum) “todo enunciado que seja partilhado e reconhecido como verdadeiro pela maioria de um grupo social ou hegemônico em determinada sociedade”, conforme afirma Britto (2002:137). Tolerada por alguns, rejeitada por outros e aceita pela maioria, a gíria revela o julgamento que se faz dos indivíduos: uns são considerados elegantes e refinados, outros grosseiros e ignorantes. Ora, elegância e refinamento são signos lingüísticos próprios de uma determinada classe social, que exerce seu poder, com base em uma suposta supremacia política, cultural e econômica. A idéia da língua uniforme, com base em um código pré-estabelecido, em busca da defesa da própria nacionalidade, tem se manifestado através da “autoridade” e “respeitabilidade” de membros dessa classe, a exemplo de Napoleão Mendes (1964:21) que afirmou ser a língua “a mais viva expressão da nacionalidade”. E ainda acrescentou: “Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade, se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?”

O *idioma pátrio*, visto nesta concepção, revela o espírito colonial que ainda vigora intensamente no senso comum dos brasileiros. Trata-se, portanto, de uma concepção que nega uma realidade inquestionável: a relação intrínseca entre língua e sociedade. A questão, portanto, é que a defesa intransigente da variante padrão (ou de prestígio) leva a sociedade a manter atitudes de rejeição (ou de aceitação) em relação ao falante e às variantes lingüísticas por este adotadas. Logo, dizer que a gíria está presente na fala de uns e ausente na fala de outros é usar a linguagem como parâmetro que permite classificar, discriminar e estigmatizar o falante. Trata-se, por conseguinte, de uma visão preconceituosa, sectária, autoritária e falsa. Pretendemos, nesta ocasião, identificar e refletir a presença da gíria no discurso de algumas personalidades brasileiras, negando, assim, o consenso referente aos termos gírios, reveladores de um profundo preconceito social.

2. GÍRIA COMUM / GÍRIA DE GRUPO: SER OU NÃO SER, ESTA É A QUESTÃO...

O homem veio do macaco. A mulher é mais fraca do que o homem. Homossexualismo é desvio, perversão. O baiano é um indivíduo preguiçoso. A gramática é

* Universidade Estadual da Paraíba – Departamento de Letras.

um instrumento de ascensão social. O negro é um incompetente. (na perspectiva intelectual), portanto, é um delinqüente em potencial. A gíria é linguagem de malandros e marginais. Afirmações como essas, transmitidas de geração a geração, moldam as nossas vidas e o senso comum da nossa sociedade, levando a uma avaliação qualitativa, por conseguinte, subjetiva, preconceituosa, sectária e autoritária. A ciência, todavia, desconfia da veracidade de “nossas certezas”, de nossa adesão imediata às coisas. Buscamos, assim, resposta para a questão seguinte: Será a gíria um dialeto social presente, apenas, ora na linguagem dos jovens, ora na linguagem do submundo da contraversão, do crime, da prostituição, do homossexualismo?

A gíria (ou *calão*, como é nomeada em Portugal) é um fenômeno possível de ser estudado sob duas perspectivas: a *gíria comum* e a *gíria de grupo*. Essa é determinada por um vocabulário pertencente a grupos sociais restritos, o que não implica, necessariamente, em se afirmar que sejam grupos marginais, no senso comum da sociedade. Aquela – a gíria comum – ocorre através do contato dos grupos restritos com a sociedade. Torna-se, assim, um vocabulário conhecido, perdendo, por conseguinte, sua identificação de origem. Assumindo-se como gíria comum, a gíria passa por um processo de “descaracterização”, conforme afirma Preti (2000).

É nesse momento que surge o desafio maior para nós pesquisadores: precisar o que é vocábulo gírio e o que é vocábulo comum (ou popular). A gíria de grupo ao vulgarizar-se perde a sua principal característica: “ser um vocabulário especial e secreto, de domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja gíria de marginais ou polícia, dos estudantes, ou de outros grupos)” (PRETI, 1984:03). Todavia, continua a ser um vocabulário marcado pelo preconceito social, conservando, por conseguinte, “a sua condição de subpadrão lexical, pelo menos enquanto não se perde a consciência de sua origem”, segundo afirma Preti (2000:248). Esta condição de desprestígio da gíria (seja a de grupo ou mesmo a comum), confirma-se em sua ausência em textos escritos ou, pelo menos, a sua presença por demais limitada. Este comportamento é decorrente de mecanismos sociais que, de acordo com a opinião de Preti (ib idem, p. 255) “contribuem para manter os tabus, preconceitos e estigmas que vêm perseguindo há muitos séculos a gíria”.

3. A MÍDIA: INSTRUMENTO DE REDENÇÃO PARA A GÍRIA

O uso freqüente da gíria comum, através dos meios de comunicação de massa, particularmente no contexto urbano das grandes cidades, é um indício, segundo Preti (op cit, p. 247), de “grandes transformações socioculturais que o fim do Século XX vem propiciando, decorrentes, principalmente, da influência político-social da *mídia*”.

A televisão nivelando as diferenças sócio-culturais, no plano diastrático, e geográficas, no plano diatópico, aproxima as várias regiões do Brasil, favorecendo decisivamente para a atenuação do preconceito. A gíria, assim, passa a “integrar a conversação do dia-a-dia e até, não raro, as situações mais formais e com falantes considerados cultos”, afirma Preti (2000:235).

É uma brasa!, expressão divulgada por Roberto Carlos, no tempo da “Jovem Guarda”. *Namoro ou amizade?*, expressão que ficou famosa na voz do apresentador Sílvio Santos. *Ah! Eu tô maluco!*, expressão atribuída ao mundo funk do Rio de Janeiro. E as crianças? Estas foram nomeadas de *baixinhos* pela apresentadora Xuxa, que comanda programas infantis a mais de vinte anos. Já o Kleber “Bambam”, um dos vencedores do *Big Brothe*

Brasil (edição 2002), é lembrado pelos brasileiros, expectadores ou não do *reality show*, muito menos pelos seus atributos físicos e muito mais pela sua linguagem. Foi principalmente a expressão – *Faz parte!* –, que o tornou famoso. Estes e muitos outros exemplos tornam-se manias nacionais.

“De certa forma, podemos afirmar que, do ponto de vista que nos interessa, o lingüístico, o fato importante é que essa cultura de massa tornou necessária uma uniformidade de produção que incidiu diretamente sobre a linguagem. Tornou-se necessário criar temas mais amplos, acessíveis a todas as classes sociais, dentro de seus interesses mais imediatos, ligados à realidade mais recente, dentro de uma linguagem que todos entendem. Eis instaurada a norma lingüística da mídia, mistura dos hábitos lingüísticos orais e escritos, atenta às transformações constantes, à ‘moda lingüística’, à maneira mais original ou expressiva de dizer as coisas no momento, muito mais voltada para a linguagem popular que, assim, ganha inesperado prestígio social” (PRETI, 1998:121).

A divulgação de expressões e vocábulos gírios, através dos meios de comunicação de massa, não comprova o desaparecimento do preconceito. O que podemos observar é a ocorrência de um processo de atenuação. Como diz Preti (2000:250-1), “considerado o contexto (tipo de leitor, tipo de assunto, seção de jornal ou revista etc.), a gíria pode até ser considerada de uso adequado, com o objetivo de criar uma interação mais satisfatória com o leitor, no caso da imprensa”.

4. O PERFIL DOS INFORMANTES E A DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

Por ser primordialmente oral, mesmo quando publicada impressa em jornais e revistas, a *entrevista* foi o gênero escolhido. A imprensa tem revelado, nas entrevistas, em discurso direto, a presença da gíria, “até mesmo em falantes que, além de cultos, têm o compromisso com o cargo ou o *status* que possuem na sociedade” (PRETI, 2000:254).

Em razão de seus leitores pertencerem, *a priori*, à classe que supostamente domina a variante de prestígio, determinamos como porta-texto a Revista VEJA, que é de âmbito nacional. Contendo uma seção regular destinada à entrevista, as *páginas amarelas* constituem um espaço de apresentação padronizada, que ocupa três páginas regularmente, quase sempre às 11, 14-5.

Consultamos 239 exemplares, correspondentes ao período de janeiro de 2000 a agosto de 2004, e, de antemão, já fizemos uma constatação que consideramos no mínimo curiosa, por isso mesmo, válida de ser registrada. Das personalidades entrevistadas, nesse período, 66,53% são estrangeiras, conforme está demonstrado no Quadro 1.

QUADRO 1: DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

PORTA-TEXTO: REVISTA VEJA			
EDIÇÕES	ENTREVISTAS		TOTAL
	PERSONALIDADES BRASILEIRAS	PERSONALIDADES ESTRANGEIRAS	
Ano 33/2000	16	35	51
Ano 34/2001	19	32	51
Ano 35/2002	14	37	51
Ano 36/2003	20	31	51
Ano 37/2004	11	24	35
TOTAL	80	159	239

Após a leitura das 80 entrevistas, realizadas com personalidades brasileiras (84,78% pertencente ao sexo masculino, conforme Quadro 2, a seguir), selecionamos 46, como *corpus* da nossa pesquisa. Neste *corpus*, observamos 158 ocorrências de vocábulos gírios. Desconsiderados os casos de repetições (vinte e seis), foi possível selecionarmos 132 variantes estigmatizadas (a gíria comum), nomeadas de *expressões populares* no Dicionário de Ferreira (1999) ou *linguagem informal* no Dicionário de Houaiss (2001). Optamos por analisar apenas os vocábulos gírios registrados nesses dicionários, o que haverá de caracterizar o seu perfil de *gíria comum*.

QUADRO 2: PERFIL DOS INFORMANTES (SEXO)

PORTA-TEXTO: REVISTA VEJA			
EDIÇÕES	INFORMANTES		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
Ano 33/2000	06	--	06
Ano 34/2001	13	--	13
Ano 35/2002	07	--	07
Ano 36/2003	06	05	11
Ano 37/2004	07	02	09
TOTAL	39	07	46

5. ANÁLISE DOS DADOS

Embora tenhamos observado a presença da gíria em alguns dicionários, a exemplo do Ferreira (1999) e do Houaiss (2001), todavia constatamos uma certa parcimônia no registro desses vocabulários. Mesmo assim, é preciso reconhecer que o “processo de lexicalização da gíria, ainda que sob rubricas nem sempre adequadas, revela uma etapa na quebra do preconceito contra os vocábulos dessa espécie, por parte dos lexicógrafos” (PRETI, 2000:252).

Distribuídos os nossos 46 informantes em oito áreas de trabalho (ver Quadro 3), a partir da profissão que exercem, selecionamos oito deles, um de cada área definida, como amostragem da análise realizada. Assim temos:

QUADRO 3: PERFIL DOS INFORMANTES (ÁREAS DE TRABALHO)

ÁREAS DE TRABALHO							
ARTES CULTURA	AUTORIDADE PÚBLICA	EDUCAÇÃO	ESPORTE	MARKETING	RELIGIÃO (cargo)	SAÚDE	SISTEMA EMPRESARIAL
1. Compositor	4. Ministros	3. Professores	4. Jogadores de Futebol	1. Marqueteiro	1. Bispo	1. Psicólogo	3. Executivos
2. Cantores	1. Juiz	1. Historiador	1. Técnico de Futebol	1. Caçador de Talentos		1. Cardiologista	1. Comerciante
1. Artista Plástico	2. Políticos	2. Sociólogos	1. Triatleta			1. Cirurgião	
1. Ator	3. Militares		1. Pugilista			2. Psiquiatras	
1. Baterista			1. Velejador			1. Urologista	
1. Produtor de TV							
2. Escritores							
9. Profissionais	10. Profissionais	6. Profissionais	8. Profissionais	2. Profissionais	1. Profissional	6. Profissionais	4. Profissionais

- Exemplo 1: ARTE / CULTURA – Escritor
Veja n. 7 – Ano 33 – 16/02/2000

Aos 59 anos, **João Ubaldo Ribeiro** é um dos maiores romancistas brasileiros. Respondendo a VEJA sobre o seu relacionamento com a crítica, desabafa:

“A crítica me aborrece. São pessoas sem parâmetros, sem referências. O que me surpreende é a incapacidade de **esculhambar**¹ com fundamento”.

Para Ferreira (1999:802), a expressão brasileira é considerada chula, significando desmoralizar, criticar com mordacidade, ridicularizar.

Para Houaiss (2001:1212), o vocábulo significa criticar ou censurar de maneira áspera, rude, ofensiva. Segundo o mesmo dicionário, a origem desse vocábulo – *esculhambar* – é duvidosa, apresentando duas versões prováveis. Para Antenor Nascente² significou, primitivamente, ficar com os testículos (colhões) feridos de tanto andar a cavalo. Se assim for, afirma Aranha (2002:134), a idéia subjacente ao insulto é a submissão à força, à autoridade. O *esculhambado* seria, portanto, aquele que se submeteu a essa força e perdeu a moral. O *esculhambador* seria o sujeito que não leva nada a sério e põe tudo e todos por terra com críticas mordazes e arrasadoras. José Pedro Machado³ apresenta a segunda versão: o vocábulo em questão “está evidentemente relacionado a *cu*”. Portanto, qualquer que seja a versão, o processo de formação é obsceno.

- Exemplo 2: AUTORIDADE PÚBLICA – Ministro
Veja n. 30 – Ano 36 – 30/07/2003

¹ Na fala das personalidades, registrada *ipsis litteris*, o destaque, em negrito, é nosso.

² Dicionário etimológico da língua portuguesa (1932).

³ Dicionário etimológico da língua portuguesa (1952).

Ex-líder estudantil, exilado político e presidente do PT, **José Dirceu**, atual chefe da Casa Civil, é o ministro com mais atribuições e poder de decisão do governo Lula. Consultado pela VEJA a respeito da solidão, por ele vivenciada durante seu exílio, responde:

“Solidão não tem definição. (Clandestino) fiquei dez anos sem ver minha família. É muito duro. Mas a vida é dura mesmo, sempre digo isso. E o que eu fiz nesse período. Estudei, conheci o país todo. Eu me preparei, entendeu? Não fiquei lá **chorando as pitangas**”.

O Ferreira (1999:1579) diz tratar-se de uma expressão conhecida no Sul do país. *Chorar pitangas* significa pedir insistentemente, lamuriando-se, algo que é negado.

O Houaiss nenhuma menção faz a essa expressão.

- Exemplo 3: EDUCAÇÃO – Historiador
Veja n. 11 – Ano 37 – 17/03/2004

O historiador **Boris Fausto**, de 73 anos, é um dos mais bem preparados analistas políticos da atualidade. Consultado pela VEJA sobre a popularidade em alta do presidente Lula, explica:

“Lula conseguiu transpor uma barreira na cultura política nacional. Ele venceu a idéia de que um homem de origem humilde não é capaz de mudar um país operado ‘pelos grandes’. Ele tem razão de explorar isso e, em geral, o faz de maneira legítima. Mas nem sempre. Às vezes Lula cede à tentação da demagogia. Lembro novamente o **lero-lero** da CPMF mundial”.

No Ferreira (1999:1203) a expressão é registrada como uma gíria brasileira, significando conversa mole.

Já no Houaiss (2001:1745) trata-se de uma expressão informal, surgida em 1940, significando conversa vazia, inútil, vã, ou seja, conversa mole.

- Exemplo 4: ESPORTE – Jogador de Futebol
Veja n. 3 – Ano 37 – 21/01/2004

Aos 38 anos, polêmico e irreverente, o atacante **Romário de Souza Faria** busca realizar seu último objetivo no futebol: chegar aos 1.000 gols. Falando a VEJA a respeito de seus vários desafetos no futebol, afirma:

“Tive problemas com todos eles (Wanderley, Zagallo e Felipão), mas já resolvi as diferenças. Nada tenho contra o Wanderley. Ele não me convocou para as Olimpíadas de Sydney, em 2000, apesar da minha ótima forma na época. Não sei se eu evitaria o **fiasco**”.

O Ferreira (1999:898) registra o vocábulo – *fiasco* – como sendo de origem italiana, que significa êxito desfavorável, vexatório, ridículo; malogro, fracasso.

O Houaiss (2001:1334), afirma, com base na *Semana Ilustrada*⁴, que este vocábulo significa resultado desastroso ou insatisfatório, êxito desfavorável; insucesso, fracasso. Afirma-se que sua origem italiana, data de 1808, todavia, seu berço foi o latim medieval (1238): *flascum* > *frasco*. A expressão *far fiasco* é atribuída ao que ocorreu com o arlequim bolonhês D. Biancolelli (em 1681) que, tendo fracassado em sua apresentação no dia em que levou para o palco um frasco, colocando nele a culpa do seu insucesso. O vocábulo *fiasco*, segundo Aranha (2002:153), diz respeito ao sujeito que, dentro de sua suposta habilidade, erra com frequência e se expõe a vexames.

- Exemplo 5: MARKETING – Headhunter (Caçador de Talentos)
Veja n. 3 – Ano 34 – 24/01/2001

O consultor **Robert Wong**, 52 anos, é um dos mais destacados caçadores de talentos no Brasil. Ele dirige na América Latina uma consultoria americana que é líder mundial nesse segmento. Falando a VEJA sobre o conceito no mercado daquele que volta para a economia real depois de uma experiência malsucedida, afirma:

“Se já era um profissional conceituado antes da experiência, não encontra maiores dificuldades para recuperar o espaço anterior. Mas quem foi apenas em busca de dinheiro e voltou sem aprender nada **saiu queimado**”.

Ferreira (1999:1681) afirma trata-se de uma expressão brasileira, que significa ofendido, zangado, irado, encolerizado.

Houaiss (2001:2352) apresenta a expressão como sendo informal, significando muito aborrecido, zangado, irritado.

Aranha (2002:296) acrescenta que como insulto designa alguém que perde o poder num determinado conjunto de interesses. Passando a ser tão inútil como um palito de fósforo usado, isto é, queimado.

- Exemplo 6: RELIGIÃO – Bispo
Veja n. 9 – Ano 35 – 06/03/2002

Considerado um dos expoentes da ala progressista da Igreja Católica, aos 69 anos, o gaúcho **Dom Jayme Chemello** é o presidente da Conferência Nacional dos Bispos. Consultado pela VEJA a respeito do uso de preservativo, responde:

“Às vezes, como é difícil dar a resposta, a gente diz: ‘Faça o que sua consciência lhe permite diante de Deus’. Mas eu ressalto que o preservativo é uma coisa má porque termina liberalizando tudo, fazendo o sexo virar **bagunça**”.

No Ferreira (1999:254) trata-se de uma expressão gíria, significando desordem, confusão.

⁴ Publicação periódica, n. 610, Rio de Janeiro, 1872, p. 4878.

O Houaiss (2201:378) registra como uma expressão informal advinda de Angola, significando falta de ordem, confusão, farra ruidosa, baderna.

- Exemplo 7: SAÚDE – Psiquiatra
Veja n. 22 – Ano 36 – 04/06/2003

Quando o assunto é o consumo de drogas entre os jovens, o psiquiatra **Içami Tiba**, de 62 anos, não tem meias palavras. Comentando para a VEJA o episódio da estudante baleada numa universidade carioca, relacionando o fato com a penetração das drogas nas escolas, afirma:

“Os traficantes descobriram que a melhor maneira de disseminar a droga na sociedade é através da escola. As escolas de ensino médio, sobretudo, tornaram-se um ótimo mercado. Não é preciso subir no morro nem ir à **boca-de-fumo**”.

O Ferreira (1999:310) registra o termo como uma gíria brasileira. Significa ponto de venda da droga.

Houaiss (2001:472) diz-se ser uma expressão que faz referência às drogas, ou seja, local onde se comercializa as drogas. Ponto de venda da maconha ou afim.

- Exemplo 8: SISTEMA EMPRESARIAL – Executivo
Veja n. 33 – Ano 35 – 21/08/2002

Aos 83 anos, o empresário paulista **Mario Amato**, na entrevista concedida a VEJA, afirma não ter se arrependido do que falou, em 1989, a respeito da então candidatura do sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva:

“Não me arrependi. A situação era aquela mesmo. Eu era presidente da Fiesp e ouvia o **tititi** do empresariado”.

Segundo Ferreira (1999:1966), *tititi* é uma expressão brasileira, que significa confusão, tumulto, rolo, discussão alteração.

Para Houaiss (2001:2726), significa sucessão de intrigas, boataria, disse-me-disse, falatório, mexerico, zunzunzum, conversa interminável.

Podemos ainda constatar, em nosso *corpus*, que algumas expressões contam com a preferência da maioria dos nossos informantes, a exemplo de: *bagunça, cair a ficha, cair na real, cara, chato, futrica, meter o pau, porrada (pô)*. Esta última, por exemplo, foi registrada na fala de João Ubaldo Ribeiro (escritor), Marcelo Yuka (baterista), Acelino Popó Freitas (pugilista), Paulo Coelho (escritor), entre outros.

Porém, apesar de sua ocorrência constante, não somente no plano diastrático (sócio-cultural), como também no plano diatópico (geográfico), o vocábulo *porrada* é registrado no Houais (2001:2265) como palavra tabu e no Ferreira (1999:1611) como palavra chula. É na sua origem que desvendamos a justificativa para tal classificação.

Consultando Pimenta (2002), verificamos que a palavra latina *porru* deu o português *porro*, um tipo de hortaliça que ficou conhecido como *alho-porro* ou *alho-poró* ou ainda *alho-macho*.

De cima para baixo, o vegetal tem umas folhas verdes convergentes para um talo que vai se esbranquiçando até dilatar-se numa base totalmente branca e quase arredondada. No sentido contrário, parece o órgão sexual de um bôer, com os pêlos tingidos no mesmo tom do verde que aparece na bandeira da África do Sul colorindo uma figura geométrica que curiosamente lembra um... bem, vejam a bandeira. Por analogia com sua forma, os romanos deram ao porru o significado de palmatória. Daí veio o português porra, uma arma que era uma clava (um pau pesado) com ponta arredondada. Porrada surgiu, assim, significando uma pancada com porra (da mesma forma que paulada é uma pancada com pau). Num segundo nível de analogia, porra passou a significar pênis e daí, por extensão, esperma. Com esse último sentido originou esporrar, donde, por regressão, esporro (Pimenta, 2002:1888-9).

Assim, o vocábulo gírio *porrada* carrega um conteúdo semântico de valor negativo para a nossa sociedade.

Outras expressões gírias, a exemplo de *à beça*, *boquirroto*, *entrar de braçada*, *marias-chuteiras*, *tocar o apito*, *vencer no gogó*, *passar de cavalo a burro* foram registradas apenas uma vez nas falas de Marcelo Yuka (baterista), Mário Amato (executivo), Alain Belda (executivo), Luiz Felipe Scolari (técnico de futebol), Boris Fausto (historiador), Tasso Jereissati (político), Walter Werner Bräuer (militar) respectivamente.

A primeira dessas expressões (*à beça*) tem sua origem obscura, entretanto, segundo Houaiss (2001:422), freqüentemente é atribuída ao sobrenome de origem toponímica *Beça* (Séc. XV), em português *Baeça*. João Ribeiro aventou uma relação com o arcaico *abesso*. Todavia, pelo fato da expressão *à beça* não ser usada em Portugal, o *Vocabulário da Academia de Ciências* e Rebelo Gonçalves aceitaram a tese brasileira, que defende a tese da origem afro ou tupi, admitindo escrevê-la com ç. Há quem propague que a profusão de argumentos utilizados pelo jurista alagoano Gumercindo Bessa ao enfrentar Rui Barbosa na disputa pela independência do território do Acre, a propósito do que Rodrigues Alves, presidente do Brasil de 1902 a 1906, teria observado: “*O senhor tem argumentos à Bessa*”. Provavelmente se trata de etimologia popular, não seria, porém, improvável que a origem fosse o sintagma francês *à verse* (1552), significando *em quantidade, a cântaros*. Justificar-se-ia, como na suposição anterior, a grafia *bessa*, usada no início do século XX. Falta, contudo, justificar documentalmente o hiato cronológico.

Assim, concordamos com Preti (2000:246), quando o mesmo afirma que alguns estudiosos “chegam a negar a esses vocábulos, nesse estágio (gíria comum), a própria condição de gíria, preferindo aceitá-los como vocábulos comuns”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno aqui estudado – a gíria – permite reflexões variadas. Portanto, este trabalho que ora estamos a concluir, é antes um esboço, que um conjunto acabado de idéias. O pesquisador que se propõe a estudar a gíria, se depara com algumas pedras no caminho. A primeira delas é a escassez de obras que tratem do assunto em língua portuguesa. Daí

porque, ainda ser *A gíria e outros temas*, obra do Dino Preti, publicada em 1984, a principal obra-referência em língua portuguesa sobre este tema.

Outra grande barreira enfrentada por nós, os estudiosos da gíria, – uma linguagem (tida como) marginal – diz respeito ao preconceito por parte de outros estudiosos, em particular daqueles que só valorizam pesquisas que apresentam a sala de aula como foco principal.

A terceira constatação aponta para a ampliação do uso da *gíria comum* no contexto urbano das grandes cidades. Todavia, tal fato não comprova a redução do preconceito, visto que, evitada na escrita, observamos que sua presença só ocorre quando reproduz declarações textuais.

Enfim, concordamos com Preti (2000), quando este afirma que “entre sociedade e língua não há uma relação de mera causalidade”. Defendemos, portanto, que a gíria longe de ser um fenômeno marginal e sem conseqüências lingüísticas, é parte vital do comportamento lingüístico de todos os dias. Logo, quem nunca fez uso da gíria que atire a primeira pedra.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Altair J. **Dicionário brasileiro de insultos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Língua e ideologia: a reprodução do preconceito. In: BAGNO, Marcos (org.). **Lingüística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 135-154.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário HOUAISS da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.
- PIMENTA, Reinaldo. **A casa de mãe Joana: curiosidade nas origens das palavras, frases e marcas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.
- _____. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, Dino (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2000. (Projeto Paralelos – NURC / SP, 4)